

Apesar de não haver dinheiro, de o ensino da Ciência nas escolas secundárias ser um desastre e de a colaboração com a indústria ser escassa, os investigadores portugueses têm conseguido resultados de nível mundial. Melhor fariam se em vez de se desenrascarem pudessem trabalhar a sério.

CIENTISTAS DESENRASCAM-SE MAS PREFERIAM INVESTIGAR...

• RUI CARDOSO

UMA coisa tem de se reconhecer nos cientistas portugueses: são desenrascados. Se o não fossem não conseguiriam fazer trabalhos de nível mundial em laboratórios com falta de equipamento ou com equipas mal pagas. Além de desenrascados são teimosos: a não ser assim já teria havido mais a terem ido respirar os ares do Instituto Pasteur ou bronzear-se no Silicon Valley californiano.

É esta a primeira ideia com que o jornalista fica ao fim dos cinco dias de debates das Jornadas de Investigação Científica. A esta junta-se uma outra: há imensos domínios onde se passam coisas interessantes — o problema é saber tirar partido

deles. É a outra face do desenrascado: a falta de organização e de planeamento.

Sabia o leitor que tanto em Lisboa como no Porto há equipa, que chegaram a resultados importantes no domínio dos supercondutores? Em termos práticos isso pode significar um futuro onde os comboios fluem sobre os carris ou a electricidade seja muito mais abundante e barata. Contudo, davalhes jeito 50 mil contos para comprarem um liquefactor de hélio e não sabem onde os arranjar. Os seus colegas do Laboratório Experimental de Partículas viram-se obrigados a estudar Física de altas energias num andar alugado em plena Lisboa.

O sucesso de algumas investigações pode vir a mudar completamente as coisas: graças à biotecnologia, o fabrico do queijo da Serra ou a produção do azeite podem ser muito mais eficientes.

Novas tecnologias na área da saúde pública permitiriam resolver, ao nível do médico de família ou do centro de saúde, situações que actualmente obrigam a hospitais. Aprofundamentos na área da acústica permitiriam combater a surdez profissional ou ajudar a explorar os nossos recursos pesqueiros. De resto, um melhor estudo do nosso mar (especialmente nas regiões autónomas) possibilitaria previsões meteorológicas mais pre-

cisas e rápidas. Materiais portugueses como o tungsténio poderiam ser muito melhor aproveitados se houvesse um programa continuado de investigação. Os nossos imunologistas poderiam trabalhar em Portugal, em vez de irem valorizar instituições estrangeiras, se houvesse um programa dinamizador da investigação nesta área.

O mal é que em muitos casos se consegue chegar a resultados práticos mas, depois, a indústria não se interessa pela respectiva comercialização. Formos capazes de conceber minicentrals hidroeléctricas ou centrais telefónicas digitais, mas preferimos comprá-las ao es-

trangeiro. Gastamos milhões de contos a comprar navios de guerra à Alemanha e deixamos aos investigadores portugueses a tarefa de desenvolverem trabalhos correspondentes a apenas 1,5 por cento do orçamento total.

Noutros casos, como na astronomia e na astrofísica, é quase preciso partir do zero. Segundo os padrões internacionais, o nosso país deveria ter cem ou duzentos astrónomos. Na realidade, nem uma dúzia chega a ter...

Resta dizer que, com um ensino das ciências como aquele que é feito nas nossas escolas secundárias, só espanta que não estejamos ainda piores. Os

laboratórios dos liceus estão a ser desactivados por falta de técnicos. Apesar do «numerus clausus» e de processos selectivos kafkianos pode entrar-se na Faculdade de Medicina sem ter estudado Biologia e Química nos últimos anos do secundário. O ensino da Matemática serve, sobretudo, para ensinar os jovens a odiar a Matemática. Não admira: forçam-nos a calcular casas decimais com várias casas decimais, quando qualquer máquina de calcular resolve o assunto num abrir e fechar de olhos.

Com um ensino destes, os poucos que chegam ao fim tendem a tornar-se professores e a inculcar nos futuros alunos as suas próprias frustrações...

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação Científica - Jornadas